



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos da área de saúde e de condecoração do senhor Célio de Castro com a Ordem do Mérito da Saúde

Belo Horizonte - MG, 06 de outubro de 2005

Toda vez que eu venho a Minas Gerais e Aécio vê o volume dos papéis que eu vou ler, ele fica assustado e eu tenho que repetir, Aécio, que depois dos 50 anos você vai ter que usar uns óculos destes e, para não ter que usar óculos, você faz a letra um pouco maior e você vai perceber que vai dar um parágrafo em cada página, portanto não será longo.

Primeiro, eu quero cumprimentar o governador Aécio Neves,

Quero cumprimentar o nosso querido, eterno, prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro,

Quero cumprimentar os ministros e a demonstração do carinho por Minas Gerais, menos do que a minha palavra, é só olhar a mesa para ver em que momento Minas Gerais teve a quantidade de ministros que tem hoje. E ainda tem a Dilma Rousseff que parece que é do Rio Grande do Sul mas é nascida aqui, em Minas Gerais.

Meu caro Saraiva, ministro da Saúde,

Meu caro Alfredo, ministro dos Transportes,

Meu caro Patrus, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Meu caro Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Deputados estaduais,

Quero cumprimentar a todos citando o nome do deputado Mauri Torres, presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais,



Quero cumprimentar os deputados federais aqui presentes,
Todos os deputados estaduais,
Prefeitos,

Eu estou vendo aqui a relação e começa pelo nosso companheiro Fernando Pimentel, de Belo Horizonte; Marília Campos, de Contagem; José Maurício Gomes, de Cordisburgo; José Calixto Milagres, de Acaiaca; Silas Faleiro, de Carmópolis; Jéferson Russo Miranda dos Santos, de Santo Antonio do Grama; José Furtado da Silva, de Camacho; Eugênio Pinto, de Itaúna; Ademar José da Silva, de Vespasiano; Raimundo Menezes, de Ferros; Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, de Ouro Preto; Pompilho de Lourdes Canaves, de Alfenas, e Denerval Germano da Cruz, de Taiobeiras.

Aqui na verdade está faltando o prefeito de Ipatinga, que está aqui na minha frente, não colocaram o nome do prefeito de Ipatinga.

Quero cumprimentar o vereador Silvio Rezende, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,

O representante do BID no Brasil,
Meus amigos e minhas amigas de Minas Gerais.

Estamos aqui, hoje, o governo federal, por meio do Ministério da Saúde, governo do estado de Minas Gerais e prefeitura de Belo Horizonte, tomando decisões que vão melhorar bastante os serviços públicos de saúde na capital e em muitos municípios do interior do estado.

Quero destacar algumas das conseqüências positivas dos convênios que estamos assinando. Eles garantirão, entre outras iniciativas, o término, finalmente, do prédio do extinto Cardiominas. Esta obra, há 20 anos abandonada em pleno centro de Belo Horizonte, é um mau exemplo que precisava ser corrigido.

Com o prédio concluído, vamos implantar um Centro Metropolitano de Especialidades Médicas que vai beneficiar 4 milhões e 600 mil habitantes dos 39 municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.



Como muita gente espera, este centro de referência oferecerá tratamento especializado à população: cardiologia e neurologia, por exemplo, além de modernizar os serviços de laboratório.

Em mais uma parceria vitoriosa, investimos recursos federais e municipais para que isso fosse possível. O governo do estado doou o terreno e o prédio inacabado para a Santa Casa, que será administradora do Centro Metropolitano de Especialidades Médicas.

O Ministério da Saúde também assinou hoje, vocês já viram ele assinar, e eu vou reafirmar, uma Portaria aumentando em 30 milhões de reais o repasse ao estado de Minas Gerais para o custeio do Hospital Regional de Venda Nova. Ver esse hospital funcionando era uma das principais reivindicações da população de Belo Horizonte, prometida durante 20 anos. O Hospital atenderá um milhão de moradores da região norte da cidade e municípios vizinhos como Santa Luzia, Ribeirão das Neves, Sabará, Vespasiano, Pedro Leopoldo, Confins, entre outros.

Estamos também entregando as obras da unidade de pronto-atendimento da região oeste de Belo Horizonte, mais uma parceria entre o Ministério da Saúde e a Prefeitura de Belo Horizonte. Além disso, o Ministério da Saúde está credenciando novos serviços de alta complexidade em diferentes modalidades, beneficiando a população dos municípios de Juiz de Fora, Montes Claros, Alfenas, Barbacena, Ipatinga, Patos de Minas, Pouso Alegre, Teófilo Otoni, Governador Valadares e Contagem. Esses serviços requerem procedimentos médicos sofisticados, voltados para o tratamento de casos mais complicados que são, em geral, muito caros e vão estar disponíveis para a população que não tem condições de pagar por eles.

Quero, agora, dizer a vocês que há uma outra feliz circunstância que me traz hoje a Belo Horizonte: é o que vamos fazer assim que terminar o meu discurso, é a entrega da medalha de grande oficial da Ordem do Mérito Médico ao ex-prefeito, eterno prefeito e nosso companheiro Célio de Castro. Vocês



sabem que esta é uma homenagem mais do que merecida, não apenas pela liderança política de Célio, por sua competência administrativa mas, sobretudo, pelo grande batalhador pela causa da saúde que ele sempre foi.

A primeira vez que eu ouvi falar do Célio eu ouvi falar no mais importante clínico-geral do estado de Minas Gerais. Foi assim que eu ouvi falar do Célio de Castro. Dizem que as autoridades mineiras, ao invés de viajar para os Estados Unidos, iam procurar o Célio de Castro para fazer uma consulta.

Meus companheiros e companheiras, os esforços que estamos fazendo estão dando resultados e nossa política de saúde vem melhorando cada vez mais no sistema público, que atende hoje mais de 70% da população brasileira. Em 2005, o orçamento do SUS chega a 35 bilhões e 500 milhões de reais. Um bom exemplo, que já foi dito pelo Saraiva, é o das farmácias populares. A idéia básica é fazer com que a população de baixa renda possa adquirir o remédio a preços compatíveis, não guardando nunca mais a receita embaixo do travesseiro ou dentro de um criado, e não podendo comprar o remédio.

Uma outra coisa importante, uma outra iniciativa de sucesso, e eu acho que o povo de Belo Horizonte já viu, foi a idéia de criar o Samu, que já está presente em 307 municípios, beneficiando 67 milhões e 900 mil brasileiros. Como todo mundo sabe, para ter acesso ao atendimento de urgência de saúde, é só ligar gratuitamente o 192. Esse é um trabalho imprescindível e nós pretendemos, até o final do próximo ano, ter o Samu atendendo a totalidade dos municípios brasileiros. Não é um Samu em cada município, é uma central que atenda um conjunto de municípios, sobretudo naqueles momentos mais difíceis, porque quando a gente começa a sentir uma dor, a gente pode escolher um médico, pode escolher um hospital, pode escolher a hora em que a gente vai. Mas, quando acontece alguma coisa tarde da noite ou um acidente, a gente não tem escolha, a gente vai para onde encontrar o primeiro, e o Samu... Eu vou dar um exemplo de São Paulo, Pimentel. Em São Paulo, a média entre tirar uma pessoa de um acidente e levá-la para o hospital era de



40 minutos; caiu para 12 minutos, numa demonstração de que, em 30 minutos, a gente pode salvar muitas vidas neste país, sobretudo nas regiões metropolitanas.

Com o Samu, todos os brasileiros passam a ter direito ao pronto-atendimento, que é fundamental para reduzir o número de óbitos e as seqüelas físicas e emocionais causadas pelas urgências médicas. O governo federal já investiu mais de 167 milhões para a implantação do Samu em todo o Brasil. Portanto, até o final do ano nós estaremos dando, na verdade, cobertura para muita gente neste país. Até o final do ano estarão recebendo essa cobertura, aproximadamente, 97 milhões e 100 mil brasileiros, de 1.215 municípios brasileiros.

Outra iniciativa que muito me orgulha, eu tenho brigado por ela muitos anos, e aqui eu vou avocar a experiência do Célio de Castro, é o Programa de Saúde Bucal. Todo mundo sabe que, no Brasil, nem os melhores convênios que a gente faz, que quem pode fazer faz, e faz bons convênios – e fazer bons convênios é importante porque depois tem o ressarcimento no Imposto de Renda – mas o que acontece é que nem os melhores planos médicos oferecem atendimento odontológico. Há uma razão para isso. Qual é a explicação concreta? É que dor de dente é normalmente coisa que atinge as camadas mais pobres da população. As pessoas que têm mais posses econômicas, normalmente tratam dos dentes desde pequenas, e a possibilidade de ter uma dor de dente às duas horas da manhã, é muito mais difícil do que para um cidadão que mora em uma periferia ou que mora em uma cidade pequena, um cidadão de baixo poder aquisitivo. E desde o tempo em que eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1975, nos convênios que fazíamos com a indústria automobilística, que eram as empresas que ofereciam, na época, os melhores planos médicos para os trabalhadores, não tinha assistência odontológica.

Quando eu tomei posse, disse ao ministro Humberto Costa que era



preciso que a gente criasse um programa de verdade, porque uma unha encravada era tratada como uma questão de saúde pública, e o dente não era tratado como uma questão de saúde pública. Como se nós disséssemos aos pobres: “pode perder, tem 30 e poucos dentes na boca, pode tirar, até tirar tudo vai demorar uns anos”. Ou sequer nós explicávamos a eles o tipo de doença que tinham. O nosso compromisso, na verdade, é chegar ao final de 2006 com 400 Centros de Saúde Bucal no Brasil, cada centro de saúde atendendo uma população de 500 mil habitantes, dando aos pobres deste país a conquista da cidadania. Ele vai poder fazer ortodontia, coisa que hoje só é feita por gente que pode um pouco mais, coloca aparelho na boca, coloca não sei das quantas. Pobre vai logo metendo o boticão e arrancando os dentes. Nós vamos dar à pessoa o direito de fazer tratamento de canal, o direito de fazer a correção dos seus dentes e, quando tiver prótese, vamos acabar com aquele negócio que tem muito no interior deste país, de político que distribui dentadura em época de eleição. Vamos acabar com esse negócio.

Todo mundo sabe de estórias e estórias que “nego” faz com cesta de dentadura, e vai pondo na boca. O pobre precisa de respeito. Então, nesse Centro ele vai ter hora marcada, ele não vai ter que pegar fila, ele vai ter protético que vai fazer os moldes na hora em que for necessário fazer, e aí você não vai fazer comparação entre pobre e rico se olhar para a boca dele. Ou seja, todo mundo vai poder sorrir em igualdade de condições. E eu estou falando em um estado onde vocês, que viajam este estado, sabem perfeitamente bem que nas regiões mais pobres de Minas Gerais você encontra meninas de 16 anos, de 17, meninos que já não podem sorrir mais porque lhes faltam os dentes da frente.

Então, é uma necessidade vital e não tem nada mais digno do que a pessoa poder conversar com você sem ficar colocando a mão na boca, sem ficar colocando um lenço na boca, ou rir com a boca fechada porque não pode abrir a boca. Isso parece pouco para quem pode sorrir como vocês estão



sorrindo agora mas, para quem não pode, é uma conquista extraordinária e, se Deus quiser, nós vamos fazer com que a odontologia possa chegar aos 186 milhões de brasileiros num curto espaço de tempo.

Eu quero dizer para vocês que a saúde, na verdade não deveria ter governo que faça mais ou que faça menos. A saúde é o direito mais elementar que as pessoas têm que ter, porque sem saúde nada mais acontece na vida das pessoas.

Nesses 33 meses, nós aumentamos o número de equipes dos médicos de família, de 16 mil para 23 mil equipes. Com isso, os atendimentos também foram ampliados, passando de 54 milhões e 932 mil, para 75 milhões e 672 mil pessoas.

É importante lembrar que a saúde não é o hospital. É preciso que a pessoa tenha condições de se alimentar corretamente, de ingerir as calorias e proteínas necessárias para evitar muitas doenças e ter força e vigor para lutar pela vida. Este sempre foi o principal motivo que me levou a criar o programa Fome Zero, que tem no Bolsa Família o seu mais amplo instrumento de ação. O Programa hoje já beneficia 7 milhões e 500 mil famílias. No final do ano chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias, gastando aproximadamente 7 bilhões e meio de reais. E vocês sabem que a comida significa muito, quando a gente trata de saúde. Não é possível estar com saúde se está com fome.

Nós temos consciência de que esse Programa, coordenado pelo companheiro Patrus, é um programa que vai permitir que ao terminar o governo, a gente possa olhar o que falamos antes e saber que cada brasileiro está, pelo menos, comendo três refeições por dia.

Parece pouco para quem toma café todo dia, almoça e janta, como eu, como vocês. Mas nós sabemos que no Brasil tem milhões de pessoas que não têm o café, que não têm o almoço e, muitas vezes, por vários dias.

Eu estou dizendo isso porque eu acho que o Brasil vive um momento virtuoso. O Brasil vive um momento, eu diria, não excepcional ainda, mas um



momento acima da média que o Brasil viveu nos últimos 30 ou 40 anos.

Os empresários que estão aqui, os estudiosos de economia como o nosso Prefeito, devem saber que há tempos nós não tínhamos no Brasil um conjunto de fatores positivos na economia do país, como nós temos hoje.

Nós poderemos ser divergentes, essa economia poderia estar crescendo 5, 7 ou 4, poderemos ser divergentes se a taxa Selic está alta ou está muito alta ou está média, poderemos ser divergentes se a TJLP poderia ser 9, 8 ou 10, em tudo isso nós poderíamos divergir. Agora, o dado concreto é que crescimento, crescimento das exportações, crescimento das importações, sobretudo bens de capital, demonstrando que as empresas brasileiras estão acreditando no seu próprio futuro, crescimento da poupança interna, crescimento do crédito, crescimento da massa salarial, crescimento do emprego, queda da inflação e queda do custo de vida, essa combinação nós não tínhamos há muito tempo, há muitos e muitos anos. Não precisamos inventar nenhum plano.

Todo mundo sabe que aqui, no Brasil, de vez em quando aparecia um milagreiro e dizia “Plano Tal”. E aí o povo ia dormir feliz e acordava devendo mais. Quem lida com agricultura sabe que houve um momento em que foram dormir devendo 100 e acordaram devendo 400, quando houve a desvalorização cambial de 1998, de janeiro de 1998, todo mundo sabe.

Nós tomamos a decisão de que não tem mágica em economia, não tem invenção, tem seriedade. E a seriedade ficou demonstrada quando, faltando 15 dias para as eleições municipais no ano passado, nós aumentamos a taxa de juros. A seriedade ficou demonstrada agora quando, de forma irresponsável, o Senado votou 384 reais de salário mínimo e eu disse que vetaria, porque a Previdência não conseguiria pagar, os estados não conseguiriam pagar, e muitas prefeituras não conseguiriam pagar. E esse ciclo virtuoso da economia, em que a gente possa ter divergência em uma coisa ou em outra, precisa ser uma coisa duradoura. Se nós conseguirmos que isso aconteça durante dez



anos, Governador, Prefeito, nós estaremos, quem sabe, conquistando a possibilidade de levar o Brasil, definitivamente, para o centro dos países desenvolvidos.

E vejam, não existe nada impossível. Meu caro Robson, eu aprendi uma coisa que é o seguinte: o impossível é apenas mais difícil, mas se a gente persistir... Quem é que acreditava que nós pudéssemos chegar em setembro, tendo 112 bilhões de dólares de exportação? Quem é que acreditava? Qual era o economista brasileiro que poderia, há um ano e meio atrás, prever que nós íamos chegar a essa situação? Quem acreditava, neste país, que nós pudéssemos ter superávit em conta corrente? Quem imaginava, neste país, que nós, em apenas 30 meses, pudéssemos chegar a um superávit comercial de 41 bilhões de dólares? Se vocês querem saber, leiam os colunistas de três anos atrás, ou de dois anos e meio atrás. E vocês vão perceber que não existe ninguém capaz de ter a sua verdade absoluta e, muitas vezes, as pessoas se colocam como se tivessem a verdade mais absoluta: “vai dar certo ou vai dar errado”, sem levar em conta que o equilíbrio do comportamento dos governos é que pode fazer com que as pessoas acreditem que as coisas vão dar certo. E eu aprendi muito cedo que se a gente administrar o Estado brasileiro como a gente administra a casa da gente, a tendência é a gente dar certo. Mas se a gente administrar o Estado como se estivesse administrando a casa do vizinho – sempre é fácil gastar o dinheiro do vizinho do que gastar o seu próprio, porque o do vizinho, você não teve que trabalhar para conquistá-lo, e o seu você teve. E o dinheiro do Estado brasileiro tem que ser tratado dessa forma para que as coisas dêem certo.

Então, eu fico feliz hoje. Em cada pesquisa que nós fazemos, todos os estados brasileiros estão crescendo, com exceção do Rio Grande do Sul por causa da seca que atingiu profundamente o Rio Grande do Sul. Mas todos os outros estão crescendo. E sabe o nosso querido Robson que quando a economia nacional cresce, todos os estados crescem, quando ela cai, todos os



estados caem. Minas está crescendo, São Paulo está crescendo, Rio de Janeiro está crescendo, mas quando a economia cai, todos caem e os grandes estados perdem mais, caem mais, despencam mais.

Esse ciclo virtuoso que estamos vivendo precisa ser um ciclo virtuoso não de um governo, mas de uma nação. O Robson sabe o quanto eu tenho provocado, na boa provocação, os empresários brasileiros. Tenho provocado no sentido de alertá-los. Não existe mercado cativo no mundo hoje, ou o Brasil vai à luta e disputa os espaços com os nossos concorrentes, ou nós iremos perder o trem da história. Neste mundo globalizado, ninguém compra do Brasil porque o Presidente tem os olhos verdes, o que não é o nosso caso, ninguém compra.

As pessoas vão comprar se os empresários brasileiros e os vendedores brasileiros tiverem competência para ir vender. Acabou aquele tempo em que nós éramos exportadores de produto *in natura*, hoje nós somos exportadores de produtos manufaturados.

E aí, eu volto à questão da saúde. A maior referência mundial de combate à Aids é o programa brasileiro. Aonde você vai no mundo, nos Estados Unidos, num debate na ONU ou na Alemanha, em qualquer lugar, a referência do combate à Aids é o programa brasileiro.

Então, um país, que era conhecido lá fora apenas porque vendia soja ou minério de ferro, as pessoas nem sabiam que a gente produzia avião, nem sabiam do alto componente tecnológico da indústria brasileira que não deve nada a ninguém. Este país, meus companheiros de Minas Gerais, não tem por que não dar certo. Basta que o governante não seja medíocre, basta que o governante não governe pensando apenas na próxima eleição. Eu tenho dito há muitos anos, Robson: o problema do Brasil é que a classe política só pensa de quatro em quatro anos e uma nação tem que ser pensada para 20 ou para 30 anos.

Eu quero fazer um chamamento, do Governador nós já temos a



compreensão há muito tempo, do Prefeito nós já temos a compreensão, mas sobretudo, dos homens que têm influência na política de Minas Gerais, na indústria, na imprensa: não permitam, em hipótese alguma, que um processo eleitoral que vai eleger um nome apenas por quatro anos estrague a oportunidade que este país tem de se transformar numa grande nação, de participar dos grandes fóruns econômicos.

Eu tenho dito em todos os debates, fiz isso na Fiesp esses dias Robson, se depender da minha disposição não haverá, durante o ano eleitoral, nenhum gesto que possa comprometer a seriedade com que tratamos a economia nesses três anos. Eu digo sempre que é muito mais fácil, muito mais simples e muito mais honesto você perder um voto ou perder uma eleição do que você atrasar, durante décadas, o desenvolvimento de uma nação. Eu acho que o Brasil está preparado, o Brasil está apto, o Brasil está ávido de não permitir que seja jogada fora a oportunidade de a gente se transformar, definitivamente, numa nação próspera, produtiva, geradora de riqueza e distribuidora de renda.

Muito obrigado a todos vocês e vamos, agora, à homenagem ao nosso companheiro Célio de Castro.